

VII ENCONTRO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE O IMPÉRIO ROMANO (SEÇÃO ES)



COTIDIANO, SOCIABILIDADES E USOS
DO ESPAÇO NO MUNDO ANTIGO

Programação e Resumos

28 a 30 de novembro de 2017

Vitória, Espírito Santo, Brasil



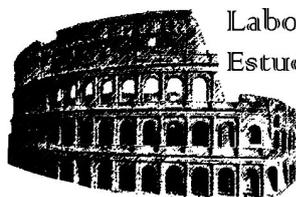
UFES



PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA



Universidade do Minho



Laboratório de
Estudos sobre o
Império
Romano

www.leir.ufop.br



**VII ENCONTRO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO (SEÇÃO ES)**

**COTIDIANO, SOCIABILIDADES E USOS
DO ESPAÇO NO MUNDO ANTIGO**

**VITÓRIA
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

PROGRAMA E RESUMOS

VII ENCONTRO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO (SEÇÃO ES)

Cotidiano, sociabilidades e usos do espaço no Mundo Antigo

28 a 30 de novembro de 2017

Vitória, Espírito Santo, Brasil



Coordenador do Leir Nacional: Norberto Luiz Guarinello

Coordenador do Leir/ES: Gilvan Ventura da Silva

Comissão Organizadora

Belchior Monteiro Lima Neto

Érica Cristhyane Morais da Silva

Gilvan Ventura da Silva

Programação visual

Luiz Henrique Dias

Monitores

Anderson Stein

Bruna Mozini Subtil

Edjalma Nepomucemo Pina

Esdra Erlacher

Gabriella Torres de Oliveira

Igor Pereira da Silva

PROGRAMAÇÃO

28 de novembro (3^a feira)

10:00h às 10:30h – **Solenidade de abertura**

10:30h às 12:00h – **Conferência de abertura**

Espaços, usos e sociabilidades na cidade antiga: contributos e limites da Arqueologia
Manuela Martins (Universidade do Minho)

12:00h às 14:00h – **Almoço**

14:00h às 16:00 h - **Mesa de comunicações 1**

Alessandra André (Ufes/Leir/Fapes) – Coordenadora
Os fundamentos políticos e filosóficos em torno da 'basileia' helenística

João Carlos Furlani (Ufes/Leir)
Disputas na cidade pós-clássica: Constantinopla como espaço de devoção

Jenny Barros Andres (Ufes/Leir/Capes)
O espaço do 'conuiuium' na Antiguidade Tardia: uma análise a partir da Villa del Casale

Larissa Rodrigues Sathler Dias (Ufes/Leir/Capes)
Ambrósio e a reordenação do espaço urbano milanês no século IV

Melissa Moreira Melo Vieira (Ufes/Leir/Capes)
Autoridade episcopal e relações de patronato nas Gálias (séc. IV): a representação de Martinho de Tours e Hilário de Poitiers nas hagiografias

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de comunicações 2**

Martinho Guilherme Fonseca e Soares (Ufes/Leir) – Coordenador
O mar, seus deuses e os 'arístoi' na 'Odisseia': toposfilias e topofobias

Gabriela Contão Carvalho (Ufes/Leir/CNPq)
Fronteiras culturais no Mediterrâneo antigo: Heródoto e a representação do território dos líbios como um espaço degradado (séc. V a.C.)

Vitor Caliar Lima (Ufes/Leir)
De Apolo a Zeus Nicéforo: a mudança da propaganda régia por meio das moedas no governo de Antíoco IV, o Epifânio

Ícaro Felipe Barbosa Benedikt (Ufes/Leir)
Espaço, religião e conflito na Idade Apostólica: a reação das cidades gregas à atividade missionária de Paulo de Tarso

Lucas Cabral da Silva (Ufes/Leir/CNPq)

Alexandre Magno e a destruição de cidades como estratégia de domínio territorial durante a conquista da 'oikoumene'

18:30h às 20:30h – **Minicurso**

Diálogos de História Antiga: Arqueologia, cidade e território

29 de novembro (4^a feira)

10:00h às 12:00h – **Mesa de comunicações 3**

Hariadne da Penha Soares Bocayuva (Ufes/Leir/Capes) – Coordenadora

Práticas e rituais de adivinhação segundo os papiros mágicos gregos: a atuação na vida cotidiana de magos e adivinhos como 'theioi andres' no Egito tardo-antigo (séc. III e IV)

Agnes Soares Moschen (Ufes/Leir/Capes)

Espaço, cultura e religião: os ataques de João Crisóstomo ao teatro, em Antioquia

Helena Borin Peixoto de Rezende (Ufes/Leir/Capes)

A presença feminina na cosmogonia do imperador Juliano (361-363): o caso das cartas e da oração à Grande Mãe

12:00h às 14:00h – **Almoço**

14:00h às 16:00h – **Mesa de palestras**

Carolline da Silva Soares (Ufes/Leir/Capes) – Coordenadora

Entre normas e transgressões: uma proposta de análise do cotidiano e das sociabilidades das virgens cristãs na cidade greco-romana por meio do tratado 'De habitum virginum', de Cipriano de Cartago (séc. III d.C.)

Silvia Marcia Alves Siqueira (Uece)

O "Diário de viagem de Egéria": representações espaciais da Terra Santa feitas sob o olhar de uma peregrina cristã do IV século

Fernanda Magalhães (Universidade do Minho)

Da casa e em casa. Arquitetura doméstica nas cidades romanas do NO Peninsular

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de comunicações 4**

Guilherme de Aquino Silva (Ufes/Leir) – Coordenador

Espaço, identidade e representação no Mediterrâneo Ocidental: a 'Geografia', de Estrabão, e os estudos sobre a romanização

Edjalma Nepomoceno Pina (Ufes/Leir)

A representação das 'artes magicæ' na África romana: o caso da estigmatização das 'sagæ' nas 'Metamorphoses' de Apuleio de Madaura (séc. II)

Igor Pereira da Silva (Ufes/Leir)

A representação da morte cristã no 'De mortalitate', de Cipriano de Cartago (séc. III)

Allan Alpohim Miranda (Ufes/Leir)

Cidade e identidade no Principado: o exílio de Sêneca como a construção do espaço da diferença

Esdra Erlacher (Ufes/Leir)

A relação dos sofistas e filósofos com as cidades: um estudo com base na 'Oratio' XXXI, 'Ao povo de Rodas', de Díon de Prusa

18:30h às 20:30h – **Minicurso**

Diálogos de História Antiga: Arqueologia, cidade e território

30 de novembro (5^a feira)

10 às 12:00h – **Minicurso**

12:00 às 14:00h – **Almoço**

14:00 às 16:00h – **Mesa de comunicações 5**

Gabriella Oliveira (Ufes/Leir/CNPq) – Coordenadora

O cristianismo como fator de mudança nas relações romano-bárbaras: uma leitura de Paulo Orósio

Bruna Mozini Subtil (Ufes/Leir)

Eneu Domício Ulpiano no limiar da Crise do Século III d.C.: a cidadania romana numa perspectiva jurídica

Nattan Barbosa Moulin (Ufes/Leir)

A controvérsia do altar da Vitória: a luta de representação nos discursos de Símaco e Ambrósio

Viviane Cabral de Souza (Ufes/Leir)

A Grande Perseguição aos cristãos (303-311): os éditos da Tetrarquia segundo Eusébio de Cesareia

Luiz Henrique Dias (Ufes/Leir)

Hagia Sophia e suas mudanças urbanas e religiosas no complexo palacial em Constantinopla durante o governo de Justiniano

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:00h às 18:00h – **Mesa de comunicações 6**

Raphaella Prado da Cunha Bittencourt (Ufes/Leir) – Coordenadora
A 'audientia episcopales' à luz da 'Collatio Legum Mosaicarum et Romanarum'

Anderson Leonardo Vaz Stein (Ufes/Leir)
A representação das cidades tardo-antigas em 'Ordo urbium nobilium', de Ausônio

João Pedro Rodrigues de Andrade (Ufes/Leir)
Espaço, conflito e violência em Constantinopla: a atuação popular na controvérsia entre arianos e nicenos segundo Sócrates (séc. IV d.C.)

Camila Ribeiro Fagundes (Ufes/Leir)
Hipácio de Rufiniana: conflito e relações políticas do monacato nos subúrbios de Constantinopla (séc. V d.C.)

18:00h às 19:00 h – **Conferência de encerramento**

Luís Fontes (Universidade do Minho)
A cidade como lugar de sociabilidades. A perspectiva relacional sinérgica aplicada à cidade de Braga

RESUMOS

Agnes Soares Moschen (Ufes/Leir/Capes)

ESPAÇO, CULTURA E RELIGIÃO: OS ATAQUES DE JOÃO CRISÓSTOMO AO TEATRO, EM ANTIOQUIA. Durante a cristianização da cidade de Antioquia, em especial após João Crisóstomo ser ordenado presbítero da congregação antioquena, o conflito entre paganismo e cristianismo alcança novas proporções. Através das homilias, um importante instrumento eclesiástico de propagação da fé cristã na Antiguidade Tardia, Crisóstomo passa a pregar um discurso de censura aos locais dos espetáculos e seus monumentos, bem como àqueles que os frequentam e seus comportamentos. Nossa proposta, nesta presente comunicação é, portanto, refletir em que medida a atuação de João contribuiu para o desenvolvimento da identidade cristã em confronto com elementos estruturantes da cultura greco-romana que faziam parte do cotidiano cívico, como o teatro.

Alessandra André (Ufes/Leir/Fapes)

OS FUNDAMENTOS POLÍTICOS E FILOSÓFICOS EM TORNO DA BASILEIA HELENÍSTICA. Todo sistema político se fundamenta, em alguma medida, em princípios ou diretrizes filosóficas. E para que qualquer sistema político-ideológico seja eficaz este deve ser capaz de traduzir os anseios e aspirações dos distintos grupos sociais, mesmo que isso não ocorra de modo consensual. Os fundamentos políticos e filosóficos que compuseram a *basileia* helenística não fogem a essa regra. Os primeiros *basileis* do período helenístico tiveram suas monarquias influenciadas por valores e preceitos que remontavam a um arcabouço de concepções, mitos e representações delineadas ao longo do século IV a.C., ao mesmo tempo que práticas exercidas pelos próprios diádocos se vincularam a estas representações, reinterpretando ou forjando novos significados que definiram a imagem da monarquia e do soberano helenísticos. Nesta apresentação, temos como objetivo principal mostrar, a partir do enfoque sobre a dinastia Antígônida, como o governante helenístico buscou associar sua figura a virtudes, símbolos, mitos e ritos forjados ou sincretizados durante o estabelecimento da monarquia helenística, apontando as contribuições e limites dos aspectos filosóficos na constituição de uma ideologia régia em torno dos primeiros monarcas helenísticos – Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes.

Alan Alpohim Miranda (Ufes/Leir)

CIDADE E IDENTIDADE NO PRINCIPADO: O EXÍLIO DE SÊNECA COMO A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA DIFERENÇA. Nesta comunicação, propomos compreender o exílio do filósofo Lúcio Aneu Sêneca (41-49 d.C.), importante membro da elite romana da época do Principado, a partir do processo de afirmação da identidade romana na relação deste com o espaço urbano mediante análise da documentação intitulada *Consolação a minha mãe Hélvia*, de autoria do filósofo. A identidade romana está vinculada, impreterivelmente, à cidade e às relações político-culturais que se constroem no espaço urbano. Ao ser exilado na Córsega, por 8 anos, em razão de um conflito com a casa imperial, Sêneca se viu destituído de tudo aquilo que o tornava romano, as relações sociais, políticas e culturais, a monumentalidade urbana, a comunicação. Nesse sentido, a seleção de uma *consolatio*, a mencionada "*Consolação a*

minha mãe Hélvia", escrita pelo filósofo e endereçada à sua mãe quando de seu exílio na Córsega não foi uma escolha arbitrária. Nesta documentação, Sêneca menciona aspectos da sua vida no exílio que lhes são bastante significativos e característicos de um "espaço da diferença" e da afirmação de uma identidade propriamente romana. Assim sendo, nosso objetivo principal é definir, com a presente pesquisa, o espaço da diferença que afirma a 'romanidade' de Sêneca quando afastado da cidade de Roma em razão do exílio que lhe foi imposto como sanção. A pesquisa se justifica, pois, a documentação que selecionamos nos permite uma imersão em detalhes muito particulares das impressões de Sêneca quanto ao seu lugar de exílio, a comparação com Roma, o funcionamento e interação das instituições políticas à época e a simplificação da sua vida como exilado, aspectos pouco explorados na historiografia geral e especializada. Para a interpretação da documentação, recorreremos ao método proposto por Laurence Bardin em sua obra intitulada "*Análise de Conteúdo*". O instrumental teórico será proveniente dos debates no âmbito da História Política e Cultural, e História das Cidades. Debateremos sobre o conceito de "romanização" a partir das reflexões de Richard Hingley e David Mattingly e, para essa pesquisa, recorreremos aos conceitos de "exílio", conforme proposto por Edward Said em *Reflexões sobre o exílio*, e o conceito de "espaço da diferença", conforme expõe Akhil Gupta e James Ferguson em *Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença*.

Anderson Leonardo Vaz Stein (Ufes/Leir)

A REPRESENTAÇÃO DAS CIDADES TARDO-ANTIGAS EM *ORDO URBIUM NOBILIUM* DE AUSÔNIO. *Ordo Urbium Nobilium* se apresenta como significativa ferramenta para a compreensão das cidades do Império Romano no século IVd.C. Escrita pelo tutor, poeta e político Décimo Magno Ausônio, a obra conta com a enumeração de vinte cidades, classificadas de acordo com critérios diversos do autor. Descrevendo atributos e características, Ausônio se propõe a elencar as cidades imperiais que considera de maior importância. Dessa forma, é pertinente orientar o estudo de *Ordo Urbium Nobilium* a partir do conceito de representação, proposto por Chartier, no sentido de compreender o espaço social e político ocupado pelo autor. Membro da aristocracia das Gálias e influente político no cenário da corte imperial do ocidente, Ausônio ocupou um papel de proeminência na administração imperial no fim do século IVd.C., sobretudo na porção ocidental do Império e no território das Gálias. Consequentemente, se observa a influência dessa trajetória na maneira como o poeta interpreta o Império, suas cidades, e respectivamente, nas peculiaridades da concepção de *Ordo Urbium Nobilium*.

Bruna Mozini Subtil (Ufes/Leir)

ENEU DOMÍCIO ULPIANO NO LIMAR DA CRISE DO SÉCULO III D.C.: A CIDADANIA ROMANA NUMA PERSPECTIVA JURÍDICA. A Crise do Século III d.C., também conhecida como Anarquia Militar, convencionalmente concebida entre os anos de 235 e 284 d.C., é apresentada, geralmente, como um período de cataclismas, em uma visão catastrófica evocada por uma historiografia tradicional. Essa visão negativa pode ser redimensionada mediante a ação criativa dos juristas. Assim, neste subprojeto, propomos compreender a ação dos juristas romanos, em particular, a atuação de Eneu Domício Ulpiano (ca. 170-223 d.C.) no 'prelúdio' da Crise do Século

III d.C. Inserida em uma perspectiva de um “longo” terceiro século, exploraremos, em As Regras de Ulpiano, três estatutos importantes: ‘Dos latinos’, ‘Dos que são sui iuris’ e ‘Dos que estão no poder de outrem’ para refletirmos sobre a cidadania romana e suas implicações para o processo de legitimação imperial à época da Dinastia Severiana, período de transformações importantes. Sugerimos que as opiniões de juristas influentes como Ulpiano tiveram contribuição significativa para o processo de estabilização do Império e da legitimação imperial com Diocleciano (284-305 d.C.). Tendo em vista que este aspecto é pouco abordado pela historiografia nacional, buscaremos refletir sobre a ‘crise’ que se instalará como parte de um movimento dinâmico de transformações no qual se observa um florescimento jurídico significativo. Para tanto, recorreremos aos conceitos de “cidadania” como debatida por Pedro Paulo Funari (2008), de “crise” de Zygmunt Bauman e Carlo Bordoni (2016); de “desordem” de Georges Balandier (1997) e de cultura jurídica a partir do pensamento de Clifford Geertz (1997). Para tal fim, utilizaremos a metodologia da “Análise de Conteúdo” e a Técnica da Análise Categorical da Laurence Bardin. Com essa proposta, temos a expectativa de compreender a Crise do Século III d.C., a partir desses antecedentes jurídicos, como um período de profundas e criativas transformações políticas e culturais e que não implica em uma crise em seu sentido mais usual, associado à ideia de ‘decadência’, mas como um contexto absolutamente excepcional, no qual se desenvolve e se expande com uma velocidade extraordinária, inovações também provenientes do campo do jurídico que contribuem para a estabilidade e legitimação imperial.

Camila Ribeiro Fagundes (Ufes/Leir)

HIPÁCIO DE RUFINIANA: CONFLITO E RELAÇÕES POLÍTICAS DO MONACATO NOS SUBÚRBIOS DE CONSTANTINOPLA (SÉC. V D.C.) O século V d. C. foi uma época da eclosão de movimentos monásticos na Ásia Menor. Escassos são os estudos que se debruçam a investigar o monacato que florescia nos arredores da cidade de Constantinopla nesse período. Por meio da *Vida de Hipacio* de Calínico pretendemos alcançar melhores entendimentos sobre como se construiu o monacato nos subúrbios constantinopolitanos, através do caso rufiniano ao averiguar as atuações políticas dessa comunidade monástica em interação com populares e autoridades da região. Em 406, Hipacio retorna a Rufiniana, reforma e revitaliza uma edificação abandonada, ali funda e lidera uma próspera comunidade monástica. As intensas relações com as autoridades de Constantinopla configuram esse monastério dentro de seu contexto suburbano. Parece-nos que carismáticos representantes do monacato ganhavam espaço nas zonas rurais e urbanas que circundavam a cidade cosmopolita, realizando diversos prodígios em benefício da população local: o abade Hipacio – *hegúmeno* do monastério de Rufiniana – foi aclamado por sua intervenção na vida dos aldeãos locais. Esperamos que uma investigação possa-nos esclarecer a respeito da complexidade dessas relações entre esse monastério e Constantinopla, os conflitos, a forma de atuação política e o enfrentamento fervoroso adotado por seu líder. Portanto, pretendemos constatar se politicamente a atuação dos monges rufinianos competia com as autoridades episcopais e imperiais, e de que forma se deu esse enfrentamento.

Carolline da Silva Soares (Ufes/Leir/Capes)

ENTRE NORMAS E TRANSGRESSÕES: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO COTIDIANO E DAS SOCIABILIDADES DAS VIRGENS CRISTÃS NA CIDADE GRECO-ROMANA POR MEIO DO TRATADO DE *HABITU VIRGINUM*, DE CIPRIANO DE CARTAGO (SÉC. III D. C.). Essa comunicação visa apresentar uma proposta de trabalho baseado na análise do tratado *De habitu virginum*, de Cipriano, bispo de Cartago entre os anos de 249 e 258, no qual o autor tece suas considerações sobre a *puđicitia* da virgem cristã e a perseverança das mulheres que fizeram oblação voluntária à virgindade. Neste opúsculo, Cipriano formula um discurso moral referente à disciplinarização do corpo da virgem cristã, evidenciando um conjunto de normas direcionadas a elas. Nossa intenção é investigar o cotidiano e as redes de sociabilidade das virgens na cidade de Cartago, bem como as suas transgressões, em clara oposição às regras disciplinares estabelecidas por Cipriano.

Edjalma Nepomoceno Pina (Ufes/Leir)

A REPRESENTAÇÃO DAS ARTES MAGICAE NA ÁFRICA ROMANA: O CASO DA ESTIGMATIZAÇÃO DAS SAGAE NAS METAMORPHOSES DE APULEIO DE MADAURA (SÉC. II D.C.). Por meio desta comunicação, temos por objetivo analisar o processo de estigmatização das feiticeiras retratadas na novela *Metamorphoses*, de Apuleio de Madaura, identificando sua relação com a percepção filosófica médio-platônica expressa pelo autor em sua outra obra, *De Deo Socratis*. Para tal, utilizaremos a metodologia discutida em *Análise de Conteúdo*, por Laurence Bardin, ao realizarmos a leitura das fontes. A análise será realizada sob a articulação dos conceitos de *estigmatização*, *representação*, *magia* e *identidade*, pois percebemos que, ao estigmatizar as feiticeiras como entidades malélicas e voluptuosas, Apuleio buscou afirmar sua própria identidade de *philosophus platonicus*, comparando indiretamente a imagem por ele idealizada de filósofo ascético e erudito com uma alteridade degradada. À vista disso, também consideramos pertinente uma conexão com o conceito de *gênero*, uma vez que, nas *Metamorphoses*, a magia malélica é atribuída preferencialmente ao sexo feminino, estabelecendo assim uma relação entre uma ‘prática desviante’ e a sexualidade dessas mulheres.

Esdra Erlacher (Ufes/Leir)

A RELAÇÃO DOS SOFISTAS E FILÓSOFOS COM AS CIDADES: UM ESTUDO COM BASE NA *ORATIO XXXI, AO POVO DE RODES, DE DÍON DE PRUSA*. Na presente comunicação, nos propomos a discorrer sobre o estudo que possui a finalidade de compreender a atuação dos filósofos e sofistas no Império Romano tanto na condição de educadores quanto na de indivíduos que se apresentam como representantes dos interesses de suas cidades e concidadãos. Para tanto, exploraremos a *Oratio, XXXI, Ao povo de Rodes*, de Díon de Prusa, tendo como referência o contexto do Principado, marcado inicialmente pelo processo de expansão romana que conduziu à integração de povos e culturas sob um domínio comum. Utilizaremos como aporte teórico-metodológico o conceito de representação, formulado por Chartier; o de identidade, tal como desenvolvido por Silva; o de *paideia*, elaborado

por Carvalho; o de cidade/cidade antiga, formulado por Guarinello; e o de *isotopia*, de Lefébvre.

Fernanda Magalhães (Universidade do Minho)

DA CASA E EM CASA. ARQUITETURA DOMÉSTICA NAS CIDADES ROMANAS DO NO PENINSULAR. O avanço do conhecimento relativo às cidades fundadas por Augusto no NO peninsular é altamente devedor do desenvolvimento da Arqueologia Urbana que, com diferentes ritmos e resultados, tem permitido reconhecer os contextos topográficos, urbanísticos e arquitetónicos romanos das cidades de Braga, Lugo e Astorga. Entre os contributos da investigação arqueológica desenvolvida nessas cidades destacam-se os relativos à arquitetura privada, os quais permitem uma reflexão quanto ao modo como foram adotados nesta região os modelos de casa itálica, que serviram de base para a construção das *domus* urbanas das diferentes cidades. No entanto, e porque impeditivo de uma abordagem aprofundada, importa sublinhar o carácter fragmentário dos dados disponíveis, quer para caracterizar em detalhe os diferentes espaços das *domus*, quer para confrontar este tipo de habitação de elite com outras expressões residenciais mais modestas, pois são raras as casas conhecidas na integridade das suas plantas e desconhecidas as habitações dos mais pobres. Na verdade, apenas conhecemos a planta integral de uma única *domus* romana de *Bracara Augusta*, construída no período flávio, que nos fornece um modelo construtivo de casa de átrio e peristilo, bem adaptada à morfologia dos quarteirões residenciais romanos, formalizados para conter casas com áreas construídas de 1 *actus* (120 pés). As restantes evidências, quer da cidade de *Bracara Augusta*, quer das restantes capitais de conventos do NO são parcelares e impedem-nos de perceber o modo como se estruturavam os distintos espaços das habitações, apesar de alguns elementos arquitetónicos e decorativos, como mosaicos, ou estuques, poderem sugerir a sua funcionalidade. Apesar destas dificuldades julgamos poder perspetivar algumas linhas de força relativas à organização das *domus* tomando por referência as cidades de *Bracara Augusta* e *Lucus Augusti*, uma vez que se reconhecem algumas recorrências comuns, designadamente, quanto ao claro domínio da casa de peristilo, ou à presença de lojas dispostas ao longo das fachadas das habitações, abertas aos pórticos que envolviam as envolviam, que subentendem uma oposição de áreas públicas e privadas no espaço construído dos quarteirões. Tendo por base uma comparação dos dados disponíveis para as duas cidades procuraremos sublinhar os aspetos que se associariam ao diferencial uso dos espaços que integravam as casas conhecidas.

Gabriela Contão Carvalho (Ufes/Leir/CNPq)

FRONTEIRAS CULTURAIS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO: HERÓDOTO E A REPRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO DOS LÍBIOS COMO UM ESPAÇO DEGRADADO (SÉC. V A.C.). Por meio da narrativa *História* de Heródoto, propomo-nos a analisar, a representação do território dos líbios como um espaço degradado, uma *heterotopia*. Para tanto, examinamos as características que o autor atribui ao território dos líbios, em conexão com as práticas culturais dessa comunidade. Investigamos ainda, em que medida a Líbia constituía, na opinião de Heródoto, uma heterotopia. Esses pontos nos permitem refletir sobre a maneira pela qual os gregos se relacionavam com o espaço da ‘pólis’ e como isso afetava sua percepção do território

ocupado pelos "bárbaros" e, em que medida, o território dos líbios constituía uma fronteira geográfica e cultural entre gregos e "bárbaros". Em termos teóricos, empregamos o conceito de heterotopia desenvolvido por Henri Lefebvre, em "A revolução urbana". Para o autor, heterotopia designa o lugar (*topos*) do diferente, do outro (*hetero*). Em diálogo direto com essa definição, utilizamos ainda os conceitos de fronteira, espaço, território e paisagens do medo.

Gabriella Oliveira (Ufes/Leir/CNPq)

O CRISTIANISMO COMO FATOR DE MUDANÇA NAS RELAÇÕES ROMANO-BÁRBARAS: UMA LEITURA DE PAULO ORÓSIO. Nascido por volta de 385 d.C. em *Bracara Augusta*, Paulo Orósio, é considerado um dos maiores escritores ibéricos da Antiguidade Tardia. Precisou fugir de sua cidade natal devido invasões alanas, vândalas e suevas, refugiando-se no Norte da África onde manteve contato com Agostinho de Hipona e sob sua orientação, foi estudar com Jerônimo a fim de completar sua formação exegetica. Escreveu *História adversus paganos (História contra os pagãos)* que contém sete livros, e um dos principais objetivos foi estabelecer as leis que regiam a história da humanidade e descobrir o motor dos acontecimentos passados e presentes, narrando desde a criação do mundo até a fase final do Império Romano do Ocidente, momento contemporâneo ao autor. No livro VII, Paulo Orósio traça a história do Império Romano e destaca o fortalecimento do cristianismo e sua influência nos campos cultural-político-militar imperial. Tendo em vista estas ponderações, pretendo apresentar, nesta comunicação, sobre como a adesão ao cristianismo influenciou as relações bélicas e sociais romano-bárbaras, destacando as reflexões do cristão Paulo Orósio.

Guilherme de Aquino Silva (Ufes/Leir)

ESPAÇO, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL: A GEOGRAFIA, DE ESTRABÃO E OS ESTUDOS SOBRE A ROMANIZAÇÃO. Durante a República (509-27 a.C.), Roma expandiu seus territórios para além das fronteiras do Lácio, colocando-se em contato com outros povos e regiões até então desconhecidas por ela. Em 218 a.C., após derrotar os cartagineses na Segunda Guerra Púnica, os romanos tomaram para si os territórios da Península Ibérica e iniciaram *a posteriori* sua colonização. A partir desse momento, ocorreram diversas interações socioculturais e políticas entre a Civilização Romana e as *nationes* ibéricas, num processo que é conhecido pelos especialistas em história antiga como romanização. Uma fonte que nos traz informações importantes a respeito da romanização da Península Ibérica é a *Geografia*, de Estrabão, especificamente o seu livro III. Por meio dessa comunicação, apresentaremos os resultados da análise desse livro, que teve como aporte teórico e metodológico os conceitos de representação e identidade. Podemos, por intermédio do que nos relata Estrabão, identificar a lógica de dominação e de transformação por parte de Roma do espaço e dos povos autóctones da Ibéria, bem como verificar a estigmatização das áreas periféricas em contraposição à Roma.

Hariadne da Penha Soares Bocayuva (Ufes/Leir/Capes)

PRÁTICAS E RITUAIS DE ADIVINHAÇÃO SEGUNDO OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS: A ATUAÇÃO NA VIDA COTIDIANA DE MAGOS E ADIVINHOS COMO *THEIOI ANDRES* NO EGITO TARDO-ANTIGO (SÉC. III E IV). A presente comunicação tem por objetivo analisar a atuação na vida cotidiana dos magos e adivinhos como homens divinos e agentes de poder no contexto das comunidades da região da Tebaida e Heptanômia do Egito tardo-antigo, a partir do século III e se estendendo até o século V como uma importante vertente dos diversos *theioi andres* que passaram a exercer influência cada vez maior na vida espiritual e política do Império Romano. Os magos e adivinhos da Antiguidade Tardia, atuando como taumaturgos em suas comunidades, os magos praticavam uma magia vinculada aos cultos de mistério e revelada pelos deuses. A prática da magia e da adivinhação, para os mistagogos, representava a condição fundamental para que pudessem adentrar nos domínios que eram próprios das divindades, uma vez que a reprodução correta da sabedoria posta à disposição dos magos pelos próprios deuses, ou seja, o rito abria o portal de comunicação entre os homens e as divindades. Desse modo, os magos e adivinhos aspiravam a desfrutar da sacralidade, por intermediação das práticas de magia, entendidas como forma específica de poder, colocado a disposição de seus oficiantes e capacitando-os a atingirem posições de liderança e atuarem como agentes de poder nas comunidades do Egito tardo-antigo.

Helena Borin Peixoto de Rezende (Ufes/Leir/Capes)

A PRESENÇA FEMININA NA COSMOGONIA DO IMPERADOR JULIANO (361-363 D.C.): O CASO DAS CARTAS E DA ORAÇÃO À GRANDE MÃE. O imperador romano Juliano, que governou entre 361 e 363 d.C. foi tido por muito tempo, pela historiografia tradicional, como um *basileu* que tentou restaurar o paganismo clássico em uma época de dita vitória iminente do cristianismo. No entanto, vê-se que seu paganismo era na verdade bastante pautado na filosofia neoplatônica, que se tornou corrente entre os pensadores pagãos por volta do século II d.C. e foi profunda influenciadora da série de reformas que o imperador implementou. Concomitante a este novo paganismo correlacionado ao neoplatonismo, se torna notável em suas obras o uso de divindades diversas como *exempla* para os membros de sua rede de sociabilidades. Embora a atuação de Apolo neste caso seja evidente e decerto não pouco importante na cosmogonia juliana (haja vista a restauração do templo de Apolo em Dafne, distrito de Antioquia, promovida pelo imperador), nesta comunicação daremos ênfase à parte feminina do rol de divindades que aparece em sua obra. Assim, pretendemos abordar as figuras femininas míticas (e históricas, visto que também serviam de *exempla*) presentes nas cartas escritas por Juliano entre 361 e 363 d.C., quando já imperador. Junto a isso, também nos debruçaremos sobre a análise da Oração 5, ou Hino à Mãe dos Deuses, escrita em 362 d.C. quando Juliano estava na Frígia.

Ícaro Felipe Barbosa Benedikt (Ufes/Leir)

ESPAÇO, RELIGIÃO E CONFLITO NA IDADE APOSTÓLICA: A REAÇÃO DAS CIDADES GREGAS À ATIVIDADE MISSIONÁRIA DE PAULO DE TARSO. Na presente comunicação, temos por objetivo analisar as razões do conflito

entre as cidades gregas e Paulo de Tarso, no cenário de suas missões apostólicas pelas áreas circunvizinhas ao Mar Mediterrâneo. Para alcançar este objetivo, empregaremos o conceito de conflito, contido no *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio; o conceito de estigmatização, presente na introdução da obra *Os estabelecidos e os 'outsiders'*, de Norbert Elias e John L. Scotson; e o de heterotopia, formulado por Henri Lefebvre, em *A Revolução Urbana*, para interpretar o livro de *Atos dos Apóstolos*. No desenvolvimento da pesquisa, partiremos do âmbito geral rumo ao específico, objetivando compreender a influência sociopolítica da religião no cotidiano das *póleis* sob o Principado (27 a.C. – 235 d.C.), a trajetória do agente histórico em questão – Paulo de Tarso – e o impacto da sua atividade missionária na rotina dessas cidades.

Ígor Pereira da Silva (Ufes/Leir)

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE CRISTÃ NO *DE MORTALITATE DE CIPRIANO DE CARTAGO* (SÉC. III D.C.). Na presente comunicação, temos por objetivo analisar a representação cristã da morte no contexto do século III d.C. por meio do *De Mortalitate*, de Cipriano de Cartago. Para uma adequada abordagem metodológica da fonte, utilizaremos a *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin. Utilizaremos o conceito de *representação*, de Roger Chartier, de *identidade*, de Tomas Tadeu da Silva e de *morte*, de Ernest Becker, para trabalhar o emprego do discurso de Cipriano, que, ao diferir a morte cristã da pagã, cria uma divisão entre a morte pela fé e a simples morte no *saeculum*. Buscando estabelecer a identidade dos cristãos em meio ao *saeculum*, Cipriano o diferencia dos demais por intermédio da construção simbólica acerca da morte, instrumento fundamental para a formação de uma identidade cristã na *Ecclesia* de Cartago.

Jenny Barros Andrade (Ufes/Leir/Capes)

O ESPAÇO DO *CONUIUIUM* NA ANTIGUIDADE TARDIA: ANÁLISE A PARTIR DA VILLA DEL CASALE. Nessa comunicação pretendemos analisar o espaço do banquete na *uilla* romana tardo-antiga, em especial, a utilização do mosaico como instrumento de exibição da riqueza, do status e da *paideia* do anfitrião. Diante do processo de esvaziamento de poder da *ciuitas*, que teve início ainda no século II d.C., as *uillae* ascenderam como centros de atividade política, cultural e econômica. Tais propriedades tornaram-se um ambiente essencial para a aristocracia, principalmente no que concerne às suas relações sociais, pois além de centros administrativos e políticos, eram também locais de recreação, estudo, entretenimento e interação entre os aristocratas. O *triclinium*, um dos aposentos da *uilla*, consistia em um espaço de sociabilidade e de exibição. No momento do banquete, os aristocratas demarcavam sua identidade enquanto membros da elite exibindo sua formação cultural, poder e fortuna através da decoração, dos utensílios utilizados e dos mosaicos presentes no aposento. Tais aspectos serão analisados através do espaço e dos mosaicos encontrados na Villa del Casale, localizada próximo à Piazza Armerina, na região da Sicília.

João Carlos Furlani (Ufes/Leir)

DISPUTAS NA CIDADE PÓS-CLÁSSICA: CONSTANTINOPLA COMO ESPAÇO DE DEVOÇÃO. O sentido atribuído à cidade e às mais distintas atividades que nela têm lugar são responsáveis por criar distintas leituras entre os grupos que convivem e interagem nesses recintos que, além de serem territórios, do ponto de vista físico, tectônico, são espaços complexos e repletos de sentido. Dentre as transformações presentes no interior do espaço citadino, aquelas ocorridas no âmbito da religião e da cultura das sociedades do mundo tardo-antigo apresentam características importantes a serem analisadas, uma vez que constituem elementos decisivos para a compreensão desse período. No que se refere ao meio urbano, é imprescindível nos atermos à expansão dos cultos cristãos no Mediterrâneo, levando em consideração a integração, em nível cultural, de religiosidades distintas, responsáveis por constituir um contexto díspar se comparado aos séculos anteriores. Muito embora observemos uma tendência historiográfica de supervalorização do papel da cidade de Roma como epicentro do cristianismo, buscamos compreender a cidade de Constantinopla como uma evidente protagonista no processo de cristianização na Antiguidade Tardia, seja como palco de disputas ou como espaço de devoção.

João Pedro Rodrigues de Andrade (Ufes/Leir)

ESPAÇO, CONFLITO E VIOLÊNCIA EM CONSTANTINOPLA: A ATUAÇÃO POPULAR NA CONTROVÉRSIA ENTRE ARIANOS E NICENOS SEGUNDO SÓCRATES (SÉC. V D.C.). Por meio do presente subprojeto, pretendemos investigar a participação popular nos conflitos relacionados à indicação de Macedônio para o cargo de bispo de Constantinopla com base na obra História Eclesiástica, de Sócrates Escolástico. Tais conflitos têm como pano de fundo a controvérsia entre arianos e nicenos que atinge as cidades do Oriente ao longo do século IV d.C. Na execução da pesquisa, empregaremos os conceitos de identidade, conflito, violência e espaço a fim de analisar o comportamento popular em sua faceta ativa e autônoma, afastando-nos assim de interpretações que tendem a acentuar a tutela exercido pelos membros da hierarquia sacerdotal sobre os devotos. Além disso, nos interessa, em especial, recuperar a dimensão topográfica das identidades em conflito, pois arianos e nicenos não disputam apenas por crenças em torno da divindade de Jesus, mas também pelo controle do território urbano.

Larissa Rodrigues Sathler Dias (Ufes/Leir/Capes)

AMBRÓSIO E A REORDENAÇÃO DO ESPAÇO URBANO MILANÊS NO SÉCULO IV. O processo de cristianização do Império Romano foi acompanhado por uma reordenação da área urbana responsável por suprimir ou remodelar os espaços e monumentos greco-romanos e judaicos. Em Milão, esse movimento de cristianização do espaço foi intensificado durante o bispado de Ambrósio (374-397), devido, principalmente, ao desempenho do bispo em implantar um arrojado plano com vistas ao fortalecimento da sua autoridade episcopal. Para melhor compreender as intervenções de Ambrósio no espaço citadino, daremos atenção especial às basílicas *Martyrium*, *Apostolorum* e *Virginum*, além da edificação do Batistério de San Giovanni alle Fonti, um espaço construído com objetivo de ampliar o polo episcopal milanês. Cumpre notar

que, no século IV, a cidade de Milão também foi palco dos inúmeros conflitos religiosos que dominavam o Império. Logo, o plano de Ambrósio em se apropriar do espaço urbano implicou ainda o rechaço da fé ariana e a defesa do ideal ascético, tal como se percebe no confisco da *basilica Portiana* e na edificação da já citada *basilica Virginum*.

Lucas Cabral da Silva (Ufes/Leir/CNPq)

ALEXANDRE MAGNO E A DESTRUIÇÃO DE CIDADES COMO ESTRATÉGIA DE DOMÍNIO TERRITORIAL DURANTE A CONQUISTA DA OIKOUMENE. Intencionamos, nesta apresentação, explicar a destruição das cidades promovidas por Alexandre Magno como medida político-administrativa visando a obter o controle dos territórios conquistados aos persas, com base na obra *Biblioteca Histórica*, livro XVII, de Diodoro Sículo, e, dessa forma, retratar as circunstâncias em que ocorreram tais destruições durante a formação do Império Universal. Nosso propósito é analisar a formação do Império macedônio a partir da reorganização espacial promovida por Alexandre nos territórios subjugados, crendo que a violência e a dor são instrumentos utilizados pelo conquistador para obter controle sobre a *oikoumene*. Em termos teóricos, adotamos o conceito de *identidade*, tal como formulado por Silva, e os de *império*, presente na Enciclopédia Einaudi, e *cidade* desenvolvido por Lynch.

Luís Fontes (Universidade do Minho)

A CIDADE COMO LUGAR DE SOCIABILIDADES. A PERSPETIVA RELACIONAL SINÉRGICA APLICADA À CIDADE DE BRAGA. As cidades históricas vivas resultam de um longo processo de transformação guardando, enterrados no subsolo ou integrados na estrutura atual, elementos ou partes das várias cidades que anteriormente se configuraram. O estudo e valorização da história das cidades, numa perspectiva que considere não apenas os tradicionais e agora socialmente excludentes ‘centros históricos monumentais’, mas a globalidade do tecido urbano, é hoje tão necessário quanto urgente, porque só a compreensão e aceitação da diferença (e cada cidade possui uma história única) é que permitirá combater as tendências ‘associais’ que emergem da uniformização dos quotidianos das grandes concentrações urbanas modernas. A arqueologia da paisagem postula uma abordagem multidisciplinar e uma perspectiva de análise que se debruce sobre o tempo longo e, por via do seu caráter multidisciplinar, potencia constantes renovações metodológicas, ensaiando novas perspectivas de análise, como a relacional sinérgica, assente na ideia de que os lugares (e as cidades são lugares) se compõe de partes que se relacionam (estão juntas) antes de tudo porque pertencem e, assim, cada parte é essencial e integral, contribuindo para e sustentando a pertença. A aplicação desta perspectiva de análise às paisagens urbanas das cidades históricas poderá, assim, proporcionar novos e profícuos resultados concernentes à compreensão da organização dos diferentes espaços urbanos de sociabilidade de que se forma uma cidade. Refletindo sobre as possibilidades e limitações desta perspectiva de análise, ensaiaremos aqui a leitura da evolução dos espaços urbanos de sociabilidade que, no tempo longo, sucessivamente foram compondo a cidade de Braga, considerando, como referenciais de espaços de

sociabilidade, os espaços públicos correlacionados com o comércio, com a administração pública, com o culto religioso e com as festas

Luiz Henrique Dias (Ufes/Leir)

HAGIA SOPHIA E AS MUDANÇAS URBANAS E RELIGIOSAS NO COMPLEXO PALACIAL EM CONSTANTINOPLA DURANTE O GOVERNO DE JUSTINIANO. Nessa comunicação, apresentaremos os resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre as mudanças urbanas no complexo palacial em Constantinopla com as construções à época de Justiniano (527-565). Sendo usado como fonte histórica Procópio de Cesaréia, pela análise da obra “Sobre os Edifícios”, especificamente na reforma de Hagia Sophia e das construções na cidade de Constantinopla, tratadas no livro I, e no poema “Description of Hagia Sophia”, de Paulo Silenciário, que é um hino à grandiosidade da Basílica. Utilizando o método de “análise de conteúdo” proposto por Bardin e a “análise dos campos semânticos” proposta por Robin identificaremos as características do complexo palacial e sua interação em relação as religiões presentes em Constantinopla. A problemática maior em estudo é a questão com complexo palacial, tendo em vista a ampla mudança promovida por Justiniano em relação aos sistemas religiosos vigentes à época, já que ao mesmo tempo que há a construção de diversas obras para o culto cristão, existe a manutenção, principalmente no entorno e dentro do complexo palacial, de obras de cunho pagão. O estudo tem um foco no detalhamento do complexo palacial com a reconstrução de Hagia Sophia por Justiniano e na relação entre o complexo e a basílica, tendo em vista a religiosidade à época, que se encontrava em uma transição forte para o cristianismo, mas com presença de manifestações de cunho pagão no entorno do complexo, tendo como objetivos identificar no complexo palacial os pontos de manutenção da religião pagã e qual sua importância para Justiniano, além de verificar a correlação entre o cristianismo e o paganismo no entorno do complexo palacial, tendo em vista a reforma de Hagia Sophia e também verificar o poder religioso junto a Justiniano, tendo em vista a reforma de símbolos pagãos e de templos cristãos num mesmo período.

Manuela Martins (Universidade do Minho)

ESPAÇOS, USOS E SOCIABILIDADES NA CIDADE ANTIGA; CONTRIBUTOS E LIMITES DA ARQUEOLOGIA. A Arqueologia contribuiu definitivamente para ampliar o espectro temporal e as geografias de expressão associados à emergência das primeiras formas urbanas que podem ser incluídas no conceito de cidade antiga. Em particular, cabe destacar os consideráveis avanços registados no conhecimento das cidades romanas, muitas das quais se encontram na gênese de várias cidades atuais, que foram identificadas na sequência das práticas da Arqueologia urbana europeia, desenvolvida desde finais da II Guerra Mundial. O resultado da investigação arqueológica em meio urbano salda-se num conhecimento alargado de largas centenas de núcleos urbanos dispersos pelos territórios das províncias do Império, muitos dos quais desconhecidos ou conhecidos apenas pelo seu nome referido nas fontes textuais. O reconhecimento da topografia e dos traços do urbanismo romano e da sua evolução, bem como dos edifícios que deram expressão às vivências urbanas representam um incomensurável contributo da Arqueologia para o estudo das cidades do mundo provincial romano, refletindo também a extraordinária variabilidade

da adaptação dos modelos greco-romanos de ‘fazer cidade’ às realidades físicas e socioculturais regionais, que remetem para as sociedades que os adotaram e reinterpretaram. Mas se os contributos da Arqueologia para o reconhecimento da cidade antiga como facto material são incontornáveis, são igualmente significativas as limitações que a disciplina enfrenta na sua compreensão como facto social, circunstância que decorre da diversidade económica, social e cultural que caracterizava a geografia do mundo romano e que se plasma na singularidade e especificidade da história individual de cada cidade. Por isso, as abordagens socioculturais do mundo urbano romano provincial, tendo por base os vestígios materiais específicos de cada contexto, recuperados pela Arqueologia, oferecem uma enorme resistência à generalização e apelam a um forte diálogo interdisciplinar e a um debate criativo das perspetivas teóricas e metodológicas que se afirmaram na Antropologia e que são indispensáveis para perceber os homens e os grupos, ou as práticas e significados que configuravam as sociabilidades e os usos do espaço na cidade antiga. Tendo em conta os considerandos enunciados é objetivo desta apresentação equacionar a evolução dos estudos da cidade antiga, na perspetiva da afirmação da disciplina arqueológica, perspetivar os seus contributos e limites e salientar as potencialidades do diálogo interdisciplinar para a configuração de novos questionários de investigação, bem como a necessidade de um novo paradigma de análise multidisciplinar para a compreensão da sociedade urbana romana.

Martinho Guilherme Fonseca e Soares (Ufes/Leir)

O MAR, SEUS DEUSES E OS ARÍSTOI NA ODISSEIA: TOPOFILIAS E TOPOFOBIAS. As sociedades homéricas, pelas quais designamos o conjunto de povos que viveram na transição da segunda metade dos Séculos Obscuros (XI a.C) e início do Período Arcaico (VIII a.C), desenvolveram uma relação íntima com o mar: o dominaram através de técnicas de navegação e de construção naval, o elevaram à condição de espaço sagrado — limiar, *teofania*, no dizer de Mircea Eliade — por meio do qual tornaram possível a comunicação com o mundo dos deuses que nele se manifestaram. Homero, na *Odisseia*, registrou os elementos que compuseram essa relação, os deuses, os *arístoi* e o que dela resultou: topofilias e topofobias, ou seja, sentimentos de afinidade e aversão, respectivamente. Ao discutir o contexto em que deuses como Possêidon e Atená se constituem hierofania — manifestação do sagrado — buscamos apresentar o que separa um do outro e, ao mesmo tempo, o que os aproxima em relação à vida cotidiana dos gregos que, representados por Homero, não cessaram em invocá-los por meio de cultos, oferendas e preces.

Melissa Moreira Melo Vieira (Ufes/Leir/Capes)

AUTORIDADE EPISCOPAL E RELAÇÕES DE PATRONATO NAS GÁLIAS (SÉC. IV): A REPRESENTAÇÃO DE MARTINHO DE TOURS E HILÁRIO DE POITIERS NAS HAGIOGRAFIAS. Sulpício Severo declarou na hagiografia *Vita Martini* que o cristianismo possuía pouca penetração nas Gálias na primeira metade do século IV e o número de bispos influentes nessas regiões era, em comparação à Espanha e Itália, relativamente pequeno, o que facilitou as práticas evangelizadores de indivíduos específicos. As hagiografias de Martinho de Tours e Hilário de Poitiers fornecem algumas informações sobre tais processos de conversão dessas comunidades e atribuem

a ambos uma posição de autoridade e liderança no episcopado gaulês. No entanto, tais obras negam qualquer colaboração entre tais bispos e suas respectivas redes de apoio dentro desse contexto. Dado isso, propomos analisar nesta comunicação como as representações de tais indivíduos nas hagiografias *Vita Martini* e *Vita Hilarionis* contribuíram para o estabelecimento de focos de poder em suas respectivas dioceses e, posteriormente, para o desenvolvimento de uma memória cristã gaulesa que heroizou ações individuais em detrimento da ideia de uma colaboração entre bispos coligados por relações de patronato

Nattan Barbosa Moulin (Ufes/Leir)

A CONTROVÉRSIA DO ALTAR DA VITÓRIA: A LUTA DE REPRESENTAÇÃO NOS DISCURSOS DE SÍMACO E AMBRÓSIO. O episódio conhecido como “A Controvérsia do Altar da Vitória” teve seu início no século IV com a retirada do altar e da estátua da deusa Vitória da cúria do senado Romano pelo imperador Graciano, após a morte deste imperador, percebemos a emergência de dois discursos opostos em torno da decisão de Graciano. Enquanto um grupo representado pelo senador Símaco solicita ao sucessor, imperador Valentiniano II, por meio de carta a restauração do altar, outro grupo representado por Ambrósio, bispo de Milão, deseja a manutenção da decisão do imperador Graciano. Por meio das cartas de Símaco e Ambrósio este trabalho procura analisar as lutas de representações e dos espaços de poder em torno do altar e da estátua da deusa Vitória, trabalhando assim os argumentos e contra-argumentos elencados por ambas as personagens.

Raphaella Prado da Cunha Bittencourt (Ufes/Leir)

A AUDIENTIA EPISCOPALES À LUZ DA COLLATIO LEGUM MOSAICARUM ET ROMANARUM. Vamos apresentar o resultado do nosso relatório final que aborda as mudanças no cristianismo após a conversão do Imperador Constantino, como por exemplo, o fato da corrente religiosa outrora proscrita sob acusação de superstitio passar a ter o beneplácito do poder imperial, ter a liberdade de culto outorgada aos cristãos e uma concessão progressiva de privilégios ao clero, entre os benefícios o de ter concedido aos bispos poderes jurídicos, as *audientiae episcopales*, que eram um modo de decisão dos conflitos em paralelo com os tribunais romanos. As *audientiae episcopales* são fundamentais para o nosso trabalho, pois através delas compreendemos a posição dos bispos no Império Romano tardo antigo em termos de atuação no âmbito jurídico e identificamos casos que foram das audiências dos bispos, na pesquisa utilizamos os relatos de Agostinho de Hipona, e os relacionamos aos casos e penalidades previstos na *Collatio Legum Mosaicarum et Romanarum*. A nossa pesquisa se justifica, porque propomos a compreensão de crimes previstos pelo código romano por meio de uma perspectiva cristã. Para tanto, recorreremos à metodologia da “Análise de Contudo” da Laurence Bardin e utilizaremos ainda o conceito de “cultura jurídica” proposto por Clifford Geertz e também de “representação” a obra de Roger Chartier.

Silvia Marcia Alves Siqueira (Uece)

O “DIÁRIO DE VIAGEM DE EGÉRIA”: REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DA TERRA SANTA FEITAS SOB O OLHAR DE UMA PEREGRINA CRISTÃ DO IV SÉCULO. Queremos nessa apresentação refletir sobre algumas representações espaciais da Terra Santa presentes na obra *Peregrinatio Aetherae* (Peregrinação de Etéria), também conhecida como *Itinerarium Egeriae* (Itinerário de Egéria). Trata-se de um texto latino composto em finais do IV século por uma mulher de nome Egéria, ou Etéria. Buscamos analisar como as paisagens são descritas e a maneira dela ver o território por onde passa. A ideia base é aquela de que o território, nesse caso a Terra Santa, provocou a criação de um imaginário rico e diversificado por ser um local onde viviam santos, mártires e peregrinos de diferentes lugares. Um espaço onde é possível esquadrihar não apenas o território em si, mas a sua produção simbólica.

Vitor Caliar Lima (Ufes/Leir)

DE APOLO A ZEUS NICÉFORO: A MUDANÇA DA PROPAGANDA RÉGIA POR MEIO DAS MOEDAS NO GOVERNO DE ANTIOCO IV, O EPIFÂNIO. Antioco IV, Antioco IV, *basileus* selêucida de governou entre 175 a.C. á 163 a.C. período em que o Reino Selêucida passava por um período de dificuldades, mediante as limitações que o Tratado de Apaméia assinado por Antioco III em 188 a.C. que reduziu de maneira significativa as forças do reino. No entanto, ao assumir o reino Antioco IV lidera uma grande campanha para trazer de volta a casa selêucida o esplendor de outrora, para isto ele empenha uma série de excursões militares ao território pertencente a dinastia ptolomaica, que resultara na Sexta Guerra Síria, e para além disto, emprega uma mudança da propaganda régia, por meio da aproximação da sua figura a Seleuco I e Alexandre Magno, para isto, as moedas oficiais da basileia passam por uma modificação de inscrições e vinculação dinástica, ao trocar a figura de Apolo, patrono da dinastia, pela figura de Zeus Nicéforo nas moedas utilizadas para pagamento de soldados e comércio extramuros. Para isto, a análise da numismática helenística de Peter Thonemann e a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin aliados ao conceito de representação apresentado por Roger Chartier, se tornam fundamentais.

Viviane Cabral de Souza (Ufes/Leir)

A GRANDE PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS (303-311): OS ÉDITOS DA TETRARQUIA SEGUNDO EUSÉBIO DE CESAREIA. Na presente comunicação, nos propomos compreender o evento conhecido, entre os historiadores, como “A Grande Perseguição aos Cristãos” durante sua fase mais intensa, iniciada a partir do governo de Diocleciano (284-305), fundador da Tetrarquia, e tendo como base a análise dos éditos proclamados pelos tetrarcas entre os anos de 303 e 311 d. C. Estes éditos ficaram conhecidos, comumente, como éditos de perseguição aos cristãos os quais chegaram até nós, não somente, mas, sobretudo, mediante a obra *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia (*Hist. Eccl.*, VIII, 2, 4; VIII, 6, 10; VIII, 17; IX, 1-4). Estes éditos de perseguição, como esse bispo os categoriza, são compreendidos, pela historiografia especializada, como documentos jurídicos que fundamentam a escrita da história da perseguição aos cristãos no contexto da Tetrarquia. Sem dúvida, os éditos se relacionam com os eventos que se reúnem sob o epíteto de “A Grande Perseguição

aos Cristãos”. Não obstante, a descrição dos éditos que nos foi legada por Eusébio apresenta especificidades significativas que nos levam a refletir sobre o quão “Grande” tenha sido a perseguição aos cristãos. Assim sendo, buscaremos definir o escopo dos éditos de modo a alcançar suas finalidades primordiais e, por fim, mapear seus contornos precisos em termos dos limites territoriais, da definição das pessoas ou grupos sociais, as quais se direcionavam e tratavam os éditos de modo que possamos compreender e especificar as particularidades do que ficou conhecido como “A Grande Perseguição aos Cristãos” à época da Tetrarquia segundo a perspectiva de Eusébio de Cesareia. Para isso, recorreremos ao instrumental teórico relacionado ao campo da História Política e Cultural, particularmente, utilizaremos o conceito de *representação*, de Roger Chartier (1991, p. 173-1991; 2002, p. 13-28), para abordar a perspectiva de Eusébio de Cesareia como uma representação de mundo. E para interpretar os éditos considerados como leis que integram o que chamamos de Direito romano, recorreremos ao conceito de *fato cultural* e o de *cultura jurídica* ambos segundo o pensamento desenvolvido por Clifford Geertz (2004, p. 249-356; 2008). Do ponto de vista metodológico, recorreremos à Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016), de modo que nos auxilie na inferência documental e coleta dos dados a serem extraídos da documentação selecionada.

EMENTA DO CURSO “DIÁLOGOS DE HISTÓRIA ANTIGA: ARQUEOLOGIA, CIDADE E TERRITÓRIO”

Aula 1: Manuela Martins (Universidade do Minho)

A ARQUEOLOGIA URBANA EM BUSCA DA CIDADE ANTIGA: QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS. Apesar do elevado número de cidades atuais que têm a sua origem em cidades de fundação grega ou romana podemos considerar que a Arqueologia ignorou generalizadamente o potencial do estudo das pristinas formas urbanas das cidades históricas até meados do século XX: era mais fácil escavar em cidades abandonadas e os instrumentos técnicos e metodológicos da própria disciplina não se ajustavam a intervir com eficácia na cidade viva. Este cenário viria a mudar radicalmente a partir dos anos 70 daquele século, com a emergência da Arqueologia Urbana, que constitui um subdomínio muito especializado da atividade arqueológica, tão inovador em termos metodológicos e de resultados, quanto problemático por via dos complexos interfaces que se geram entre a sua prática e os interesses políticos, económicos e sociais, ou entre a ética da responsabilidade social dos seus profissionais e a ideologia, sempre seletiva, que apregoa a construção e preservação da memória. Na sua experiência de pouco mais de 4 décadas de existência a Arqueologia Urbana configura-se como um ‘território de permanente conflito’, pese embora as recomendações e cartas de princípios emanadas de vários organismos internacionais, ou os enquadramentos legais que protegem o subsolo das cidades, muito variáveis no quadro europeu. No entanto, são indiscutíveis os resultados potenciados pela prática da disciplina, sendo de destacar os notáveis contributos que forneceu para o conhecimento da topografia, urbanismo e arquitetura de largas dezenas de cidades de fundação grega

ou romana. A complexidade da Arqueologia Urbana, basicamente exercitada em contexto de prevenção e salvamento, resulta da natureza do seu objeto, a cidade, ou as cidades que se sucederam no mesmo espaço, que pode ser assumido como o mais complexo artefacto construído, mas também de questões de natureza teórica e metodológica que se situam a montante da prática arqueológica, mas que determinam e condicionam todo o processo de escavação, tratamento, análise, interpretação e divulgação dos resultados. Considerando o potencial da Arqueologia Urbana para o estudo da cidade antiga pretende-se valorizar nesta sessão as questões de natureza teórica e metodológica que se prendem com as práticas de identificação e interpretação do registo arqueológico, que permitem conhecer a cidade antiga e situá-la no contexto da evolução das cidades históricas e das vivências dos habitantes das cidades atuais, considerando as noções de memória, património e identidade.

Aula 2: Fernanda Magalhães (Universidade do Minho)

URBANISMO E ARQUITETURA NA CIDADE ANTIGA: O CASO DE BRAGA.

Tendo por base os resultados obtidos na investigação arqueológica desenvolvida ao longo dos últimos 40 anos na cidade de Braga pretende-se equacionar as principais linhas de força da evolução da cidade romana de *Bracara Augusta*, fundada nos finais do século I a.C., a qual pode ser considerada como um caso paradigmático dos complexos processos que presidiram à fundação de novos núcleos urbanos nas províncias ocidentais do Império. Usando os dados disponíveis serão valorizadas as características do urbanismo fundacional e os vetores que potenciaram a sucessão das paisagens urbanas que se conformaram até aos finais da Antiguidade Tardia, com destaque para os centros de poder, a morfologia dos quarteirões e respetiva construção e os indicadores de ocupação da periferia urbana. Tendo por base a estrutura do espaço urbano será valorizada a distribuição dos equipamentos públicos que mapearam a cidade alto imperial, designadamente das termas, teatro e outros edifícios públicos conhecidos. Especial destaque será dado à muralha do Baixo-Império, construída entre finais do século III/inícios do IV, equipamento público que terá um forte impacto na evolução morfológica da futura cidade que se desenha a partir do século IV e que lentamente se vai transformando ao longo dos séculos V a VII. Também o acervo de informação disponível relativo à arquitetura privada permitirá caracterizar as *domus* conhecidas e discutir a distribuição e organização dos espaços públicos e privados que as compunham e as funcionalidades que podiam desempenhar. Sendo as casas os elementos do espaço urbano que mais mudavam, de acordo com os gostos e valores dos seus proprietários, procuraremos ainda equacionar a sua evolução arquitetónica entre o Alto Império e a Antiguidade Tardia.

Aula 3: Luís Fontes (Universidade do Minho)

PAISAGENS E TERRITÓRIOS DA ANTIGUIDADE: CONCEITOS, MÉTODOS E PERSPETIVAS. Pelo seu posicionamento de encruzilhada, determinado basicamente pela interdisciplinaridade das relações que estabelece, a arqueologia é hoje uma disciplina científica de vocação pluralista, explorando novas e diversas direções de

investigação. Uma dessas direções conduziu, nas décadas mais recentes, ao desenvolvimento da chamada "Arqueologia da Paisagem". Atualmente, o conhecimento das formas de organização social que distinguem as paisagens no passado é um dos principais temas de interesse, procurando indagar-se de que modo os nossos antepassados estabeleceriam diferentes níveis de organização (espaço habitado, áreas de cultivo, fronteiras territoriais, demarcação simbólica de espaços), qual a componente dessa organização devida a fatores ambientais e qual o peso das necessidades das comunidades humanas, ao nível das relações entre materialidades e ideologias. Procura conhecer-se como se conformaram as paisagens, tanto numa perspetiva sincrónica como diacrónica, ou se, como e quando se processaram mudanças, se estas foram formais ou sistémicas. Questiona-se igualmente como se formou a memória da paisagem e como é que a forma da paisagem pode refletir as diversas estruturas sociais. Para identificar, relacionar e entender todos os traços dos sítios desaparecidos e das suas envolventes, também desaparecidas, a Arqueologia da Paisagem exige um conjunto de técnicas e procedimentos diversos, que vão da prospeção de campo à análise de fotografia aérea e cartografia temática, da Palinologia à Toponímia, ou ainda da escavação arqueológica à consulta de arquivos documentais, da análise estatística e da aplicação de modelos de análise espacial até à implementação de SIG aplicados à arqueologia. Nesta sessão exemplificaremos a aplicação do método e metodologias em Arqueologia da Paisagem na restituição da paisagem antiga (séculos V-XI) da região de Braga.